



## COLETIVO DE MULHERES E OS QUINTAIS TAMATATEUENSES: UMA RELAÇÃO DE BEM VIVER E R-EXISTÊNCIA

### COLLECTIVE OF WOMEN AND THE TAMATATEUENSE YARDS: A RELATIONSHIP OF WELL-BEING AND R-ESISTANCE

**Jean Sousa de Sousa** – UFPA – Bragança – Pará – Brasil

E-mail: [jeansousa2062@gmail.com](mailto:jeansousa2062@gmail.com)

**Roberta Sá Leitão Barboza** – UFPA – Bragança – Pará – Brasil

E-mail: [robertasa@ufpa.br](mailto:robertasa@ufpa.br)

**Josinaldo Reis do Nascimento** – UFPA – Bragança – Pará – Brasil

E-mail: [Josinaldo.reis@ifpa.edu.br](mailto:Josinaldo.reis@ifpa.edu.br)

#### RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa sobre os quintais tamatateuenses, no nordeste do estado do Pará. Apresenta como objetivo principal compreender o processo de bem viver e de r-existência dos quintais tamatateuenses. Os procedimentos metodológicos são divididos em pesquisa bibliográfica, de campo e análise de dados, seguida da escrita. As técnicas utilizadas na pesquisa foram: observação participante, entrevistas semiestruturadas e registro audiovisual. O *locus* da pesquisa foi a comunidade do Tamatateua, a qual teve como interlocutoras as “Mulheres Guerreiras de Tamatateua”. Verificou-se que os quintais tamatateuenses, além de constituírem um espaço de amor, conectividade e gratidão, formam espaços de relação entre as mulheres e os sistemas produtivos que ficam em torno das residências, sendo assim um local de diversas experiências, pois esses territórios são utilizados para plantar hortaliças, frutas, plantas, e criar animais. No mais, constatou-se que esses quintais são espaços de r-existência e territórios de trocas afetivas entre as mulheres, demonstrando uma relação de bem viver com o ambiente. Torna-se evidente que a relação entre o coletivo de mulheres e os quintais tamatateuenses é muito mais do que uma coexistência. Ela representa um complexo tecido social, enraizado nas tradições e experiências compartilhadas das mulheres dessa comunidade.

**Palavras-chave:** Quintal; Mulheres; R-existência.

#### ABSTRACT

The present study is the result of research on Tamatateuense backyards, in the Northeast of the State of Pará. Its main objective is to understand the process of good living and r-existence in Tamatateuense backyards. The methodological procedures are divided into bibliographical research, field research and data analysis, followed by writing. The techniques used in the research were: participant observation, semi-structured interviews and audiovisual recording. The locus of the research was the community of Tamatateua, which had as

---

interlocutors the “Women Warriors of Tamatateua”. It was found that Tamatateuenses backyards, in addition to constituting a space of love, connectivity and gratitude, form spaces for relationships between women and the productive systems that surround the residences, thus providing a place for diverse experiences, as these territories They are used to plant vegetables, fruits, plants, and raise animals. Furthermore, it was found that these backyards are spaces of r-existence and territories of affective exchanges between women, demonstrating a relationship of good living with the environment. It becomes evident that the relationship between the collective of women and the Tamatateuenses backyards is much more than coexistence. It represents a complex social fabric, rooted in the shared traditions and experiences of the women of this community.

**Keywords:** Yard; Women; R-existence.

---

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por base a pesquisa de mestrado de um dos autores, que trata da relação entre a economia solidária, o bem viver e a r-existência do coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua e os quintais tamatateuenses. Esse coletivo reúne mulheres da comunidade tradicional de Tamatateua, localizada no município de Bragança, nordeste do estado do Pará, que através da produção de seus quintais assumem uma responsabilidade social para além da que foi idealizada para elas. Assim, realizam diversas atividades com foco na venda dos produtos a fim de contribuir para sua autonomia financeira, para a renda e subsistência familiar.

No Brasil, o termo “quintal” é utilizado para designar o terreno situado ao redor da casa, podendo ser definido como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais (BRITO; COELHO, 2000). O termo varia de acordo com os países e a língua utilizada. Nair (1993) relaciona a existência de vários tipos de quintais ou *homegardens*, em diferentes locais, cada qual com características particulares.

De acordo com Kumar e Nair (2004), os *homegardens* possuem longa tradição em países tropicais, onde esses sistemas consistem, geralmente, em uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras, herbáceas, algumas vezes em associação com animais domésticos, crescendo adjacentes à residência (NAIR, 1993).

Por sua vez, Oakley (2004) afirma que os quintais domésticos servem como reservatórios de biodiversidade e que, em muitas culturas, são as mulheres as

---

responsáveis pela manutenção desse sistema. Conforme o autor, essa tarefa está ligada às tradições locais e, através de plantações com alta densidade de espécies subutilizadas, as mulheres preservam a biodiversidade, transformando seus quintais em laboratórios de experiências para a adaptação de variedades locais e não domesticadas.

Uma vez que essa rica diversidade é importante não somente para a segurança alimentar e estabilidade econômica de um lar em particular, mas também para a saúde do sistema agroecológico como um todo (OAKLEY, 2004), os quintais são considerados uma das formas mais antigas de manejo da terra e um sistema de produção de múltiplas espécies que promovem o sustento de milhões de pessoas economicamente (AMARAL; GUARIM NETO, 2008).

A produção nos quintais, especialmente a hortifrutífera, permite à população manter uma baixa dependência de produtos adquiridos externamente, ocasiona impactos mínimos sobre o ambiente e, ainda, conserva os recursos vegetais e a riqueza cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais (PASA, 2004).

Além de abrigarem ferramentas e de servirem para o preparo de fumo e de comida, os quintais também são utilizados para atividades sociais, tais como rezas, festas e lazer. Nessa visão, os quintais fortalecem os vínculos sociais da comunidade por meio da utilização do espaço para atividades de socialização (FERREIRA, 1995).

Os quintais são concebidos como uma parte constituinte da casa, entendendo-se aqui que “casa” não se reduz ao espaço material das paredes da residência da família. Por isso, nossa interpretação apoia-se nos pressupostos de Heredia, Garcia e Garcia Jr. (1984, p. 31), que, analisando o caso do Nordeste brasileiro, dizem: “A casa não se restringe ao espaço físico ocupado pela construção; ela inclui também o terreiro (pátio) que a rodeia, local onde vive a criação (aves de quintal), cabras e porcos”. O conjunto desses animais é denominado “animais de quintal”, aludindo ao espaço em que se criam, no universo camponês.

Os quintais estão presentes em diferentes lugares. Atualmente, em maior ou menor frequência e com diferentes contornos, modelos e funções, é possível encontrá-los nas cercanias das habitações de diferentes modalidades de campesinato e também

---

nas áreas urbanas. Devido à sua grande diversidade de formas, a categoria “quintal” exige o reconhecimento de sua plasticidade.

Embora o termo seja aceito quase universalmente na pesquisa acadêmica, o conceito varia muito de região para região. Nos últimos anos, observamos uma ampliação significativa dos estudos referentes aos quintais, nos quais os quintais urbanos são alvo da grande maioria das investigações. Entretanto, em distintos lugares do mundo foram realizados diversos estudos sobre quintais agroflorestais ou domésticos relacionados ao rural, incluindo diferentes comunidades tradicionais.

No Brasil, esses estudos estão se ampliando e amadurecendo consideravelmente. Pereira e Almeida (2011) estudaram os quintais das comunidades Kalunga, constituídas por remanescentes de quilombolas presentes no nordeste de Goiás. Nesse estudo, os quintais kalungas foram interpretados como lugares de saberes, devido ao seu papel multifuncional e à sua importância cultural, social e econômica na vida das famílias quilombolas.

Posey (1986), ao pesquisar os indígenas Kayapó, diz que a palavra “quintal” indica terreno adjacente às casas, onde são cultivadas, geralmente, plantas úteis ou decorativas. O autor enfatiza que no Brasil a utilização do solo para fins de quintal precede a colonização europeia, uma vez que, antes da chegada dos colonizadores, os Kayapó, bem como vários outros grupos, já plantavam espécies vitais junto às suas casas.

Posey (1986) destaca a função dos quintais como reservas de medicamentos para os indígenas Kayapó. Seu levantamento identificou, além de 86 espécies de comestíveis, dezenas de plantas medicinais. Isso garantia, segundo o autor, práticas de cura altamente sofisticadas nessas comunidades. Os xamãs (*wayanga*) Kayapó especializam-se no tratamento de diferentes enfermidades, aplicando, em cada caso, plantas específicas. Dezenas de *peritos médicos (pidjamari)* realizam curas menores, lançando mão de conjuntos de plantas medicinais apropriadas. Muitas vezes algumas delas são cultivadas em locais secretos na mata, por tratar-se de um conhecimento privativo ao curandeiro. Outras são abertamente plantadas no quintal, mas seu emprego é secreto.

Ao falarmos da relação entre o bem viver e os quintais, a perspectiva é de que os quintais são lugares de experimentações, sendo também cultivados, na atualidade, como

---

lugares de deleite. Nessa concepção, vai-se além de uma utilidade apenas material: as pessoas compreendem as plantas em seus quintais não como objetos, mas como agentes não humanos que potencializam as relações (SILVA, 2018).

É a partir dessa visão de que os quintais têm potencial para contribuir com o bem viver e com a economia solidária que analisamos o grupo de mulheres da comunidade do Tamatateua, o qual despontou como uma iniciativa de geração de renda, de fortalecimento dos laços solidários, de reafirmação de sua identidade como população tradicional inserida em um contexto de reserva extrativista marinha. Para as mulheres desse coletivo, o quintal tem um significado muito importante, conforme podemos perceber nas falas a seguir:

Significa vida né, porque é de lá que eu posso produzir minha alimentação, eu posso estar vivendo mais em paz, em harmonia com a natureza, enquanto eu cuido do solo e da terra, eu tenho alimento saudáveis também para colocar na minha mesa (Interlocutora 02).

Significa tudo, aliás é tudo que eu tenho e é isso aí, né (Interlocutora 03).

Significa que eu gosto dele, eu gosto muito dele, porque quer que eu que eu bebo, eu como, tem açaí que eu bebo, é coco, que a gente come, cupuzero, cafezeiro, tem (Interlocutora 04).

Significa meu lazer, tem as plantas dentro né, pé de açaí, tem muruci. (Interlocutora 05).

Significa que é pra mim fazer meu plantio, né. Faço a minhas horta, aí eu planto as minhas planta de enfeite, planta de remédio (Interlocutora 06).

Significa tudo que eu planto né. Planto açaí, acerola, pimentinha, coco (Interlocutora 07).

Os significados que os quintais possuem e a maneira como são cuidados em unidades de conservação ambiental, como as reservas extrativistas, traduzem a ideia de espaços de r-existência, pois compreendem populações que são portadoras de um acervo cultural extremamente rico e de um grande conhecimento a respeito da biodiversidade. Portanto, as populações de comunidades campesinas tradicionais como o Tamatateua constituem importantes protagonistas de espaços de conservação com grandes perspectivas, que envolvem sociedade e natureza numa relação benéfica para ambas, de economia solidária e de bem viver.

---

Desse modo, as atividades do coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua, dentro do projeto “Painheiro do Mangal: fortalecendo a sociobiodiversidade das mulheres extrativistas da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu”, podem ser apontadas como espaços de economia solidária, uma vez que esse conceito designa trabalhadores que têm um jeito próprio de produzir, vender e comprar o que é preciso para viver. O Observatório Nacional da Economia Solidária e do Cooperativismo esclarece que, nesse tipo de economia, os trabalhadores são os donos do negócio e responsáveis pelas tomadas de decisões, por exemplo, como tocar o negócio, dividir o trabalho e repartir os resultados.

Cabe destacar aqui que o projeto Painheiro do Mangal foi uma iniciativa que surgiu para viabilizar o escoamento de produtos da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu. O projeto teve como foco as comunidades locais, para que pudessem comercializar seus produtos diretamente nos centros urbanos, sem atravessadores, de modo a garantir-lhes renda justa e melhores condições para enfrentar os impactos causados pela pandemia da COVID-19.

O Painheiro do Mangal iniciou suas atividades nas referidas comunidades em junho de 2020 e teve vigência até dezembro do mesmo ano, desenvolvendo ações que apoiaram o escoamento da produção dos extrativistas, promovendo a venda direta de produtos da sociobiodiversidade produzidos pelo coletivo de mulheres da comunidade do Tamatateua. Tais ações pontuais aumentaram a renda das famílias, o que possibilitou a valorização de sua identidade e o aumento da autoestima, e conseqüentemente ampliou a oferta de alimentos de alto valor nutricional para as famílias de parceiros do projeto.

Para o coletivo de mulheres do Tamatateua – formado atualmente por 16 integrantes –, esse sistema garantiu-lhes renda justa e melhores condições para enfrentar os impactos causados pela pandemia da COVID-19 e outras questões relacionadas à sua autonomia financeira e à subsistência das famílias. Assim, é perceptível no projeto Painheiro do Mangal que as participantes estão organizadas coletivamente e que suas ações são, sobretudo, regidas pelos princípios da cooperação, da autogestão, da ação econômica e da solidariedade.

---

Nesse contexto específico, as mulheres assumem lugar de destaque desde a plantação até a colheita, já que não oferecem apenas uma “ajuda” em casa, mas passam a se responsabilizar pelo trabalho no mutirão, pelos filhos e, muitas vezes, pelo sustento da família.

Voltadas para essa discussão, Silva e Maneschy (2020, p. 2) afirmam que o trabalho exercido por mulheres no setor informal tem se mostrado bastante significativo e crescente em países como o Brasil e esclarecem que “o trabalho associativo informal de mulheres, portanto, não é a panaceia que programas institucionais de combate à pobreza podem supor”, haja vista que uma série de fatores relacionados às hierarquias de gênero ainda prevalecem. É importante destacar que esses trabalhos associativos informais femininos estão presentes dentro do território das comunidades tradicionais, tendo uma relação direta com a diversidade natural e a diversidade cultural, a partir de identidades locais.

Diante do exposto, este trabalho tem como principal objetivo compreender as relações entre bem viver, economia solidária e r-existência presentes nos quintais manejados por mulheres de uma reserva extrativista marinha no litoral amazônico.

## **MÉTODOS**

### **Área de estudo**

O presente estudo foi conduzido junto ao projeto Paneiro do Mangal e teve como foco o coletivo de mulheres da comunidade agropesqueira do Tamatateua, uma das 42 comunidades existentes no entorno da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, no município de Bragança (PA). Localizada a cerca de 18 km da sede do município, a comunidade do Tamatateua é formada majoritariamente por pescadoras e pescadores artesanais, bem como por agricultoras e agricultores de pequena escala, que totalizam aproximadamente 518 famílias – algo em torno de 2.072 moradores, em sua maioria jovens do sexo masculino e com baixa escolaridade (REIS, 2022).

Os espaços costeiros e estuarinos que compõem a RESEX Caeté-Taperaçu são um verdadeiro palco natural, onde se entrelaçam estuário, mar e terra para a produção e reprodução dos modos de vida de várias gerações de comunidades tradicionais. Os

---

desafios políticos têm sido cada vez mais constantes e desafiadores, tanto para suas populações como para o conjunto de toda a sociedade bragantina (REIS, 2022).

### **Coleta e análise de dados**

O estudo foi composto por três momentos de pesquisa: fase exploratória, trabalho de campo e tratamento do material.

Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca da temática nas plataformas Google Acadêmico, Scielo, Sucupira-CAPES, assim como em trabalhos de conclusão de curso digitais e impressos.

Como técnica de coleta de dados utilizou-se a observação participante e entrevistas, realizadas no período de maio a agosto de 2023. A observação participante deu-se a partir de um contato inicial com o coletivo de mulheres da comunidade durante as ações do projeto de extensão *Paneiro do Mangal*. O projeto possibilitou observar participando, vivenciando de forma prática boa parte das suas práxis sociais e produtivas implementadas.

Algumas entrevistas foram presenciais e outras foram realizadas via formulário on-line, de acordo com a disponibilidade das mulheres, formando um total de sete mulheres entrevistadas – duas lideranças do coletivo e as outras por indicação das referidas lideranças. Entre as questões indagadas, focamos na organização dos quintais tamatateuenses, na relação dos quintais, as mulheres e o projeto *Paneiro do Mangal*, assim como nas práticas realizadas nesses territórios.

A análise dos dados envolveu quatro etapas: verificação dos dados coletados por meio da observação participante e das anotações no caderno de campo; transcrição das entrevistas realizadas na pesquisa; ocultação do nome real das participantes, onde foi elaborado um código de identificação para cada uma (Quadro 1), mantendo o anonimato; e análise dos dados por blocos de ideia e grupos de pesquisa.

**Quadro 1** – Códigos para preservar a identidade das participantes da pesquisa

Interlocutora 01	Interlocutora 02
Interlocutora 03	Interlocutora 04

---

Interlocutora 05	Interlocutora 06
Interlocutora 07	

Fonte: Jean Sousa, 2023.

Ressalta-se que durante a escrita deste artigo foram utilizados trechos das entrevistas realizadas com as interlocutoras, tendo a fala do entrevistador em negrito e das interlocutoras sem negrito.

Para o tratamento dos dados coletados foi utilizada a metodologia denominada Análise de Conteúdo, que consiste na leitura detalhada de todo o material transcrito, na identificação de palavras e conjuntos de palavras que tenham sentido para a pesquisa, assim como na classificação em categorias ou temas que tenham semelhança quanto ao critério sintático ou semântico (OLIVEIRA et al., 2003).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quintais tamatateuenses apresentam diferentes configurações, entretanto, de modo geral, se distribuem pelas laterais e pelo fundo das casas e comumente são cercados para evitar a entrada de animais soltos. Atualmente, nessa comunidade o quintal é um componente notável, encontrado na maioria das residências. Constituem fontes importantes de alimentos e de plantas medicinais, e ajudam a reduzir a dependência de mercados urbanos na aquisição de medicamentos, frutas, verduras, raízes e alguns grãos. Em alguns casos, incrementam a renda doméstica, como por exemplo os quintais do coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua. Apresentam tamanhos variados, desenhos particulares e combinações específicas de espécies de plantas. Em sua grande maioria, os quintais são considerados pequenos, visto que ocupam poucos metros quadrados.

Os quintais fazem parte da paisagem da comunidade do Tamatateua. São organismos ajustáveis ativos na construção dessa paisagem e dificilmente ausentes nas moradias; são raras as residências que não possuem essas estruturas. Nesses espaços são produzidas hortaliças, frutas, feijão, farinha, plantas medicinais, legumes e flores. Desse

---

modo, são uma importante fonte de alimento, fornecendo parte das necessidades nutricionais das famílias, conforme podemos observar nas figuras a seguir.

**Figura 1** – Quintais das interlocutoras 01 e 02



Fonte: Jean Sousa, 2023.

**Figura 2** – Quintais das interlocutoras 03 e 04



Fonte: Jean Sousa, 2023.

**Figura 3 – Quintais das interlocutoras 05 e 06**



Fonte: Jean Sousa, 2023.

**Figura 4 – Quintal da Interlocutora 07**



Fonte: Jean Sousa, 2023.

---

Na Figura 1 temos exemplos de plantações de maniva e bananeiras, enquanto na Figura 2 podem-se ver açaizeiros e pé de jerimum. Já na Figura 3 temos uma diversificação de plantas e a Figura 4 mostra um quintal permeado de pés de açafá.

Geralmente os quintais são rodeados pelas mesmas cercas das habitações, mas alguns, apesar de próximos às casas, são cercados à parte com telas e madeiras. Diferentemente dos quintais dos chamados *descendentes de índios* analisados por Andrade (1999) na baixada maranhense, que se localizam atrás da residência, os quintais tamatateuenses usualmente circundam parte significativa da moradia. Ao entrarmos na maioria das casas, é comum atravessarmos primeiro o quintal, que se expande para as laterais e/ou fundos da moradia.

Apesar de apropriados individualmente, os usos e práticas relacionados a eles são coletivos. Os quintais envolvem um sistema complexo de trocas de sementes crioulas, alimentos, plantas medicinais e flores, além da permuta de saberes acumulados historicamente e experimentados pelas mulheres.

Com relação às especificidades do manejo dos quintais, essa é uma tarefa de responsabilidade das próprias mulheres do coletivo e geralmente conta com o apoio de familiares. Para o ciclo de plantio emprega-se um Sistema Agroflorestal (SAF), em que no mês de maio é feita a limpeza do terreno e no final desse mesmo mês realiza-se o plantio. Por conta do período chuvoso característico da região, nos meses de junho e julho são feitas capinas nos quintais.

Os quintais são bastante diversificados, pois contam com o plantio de cheiro-verde, alface, couve, abóbora, cariru, maxixe, macaxeira e mandioca. É importante dizer que os produtos plantados variam de quintal para quintal e na maioria dos quintais já existem banana, pupunha, maracujá, graviola, murici, cupuaçu, caju e manga. A colheita dos produtos é feita por períodos, conforme o Quadro 2:

**Quadro 2** – Produtos e período de colheita

<b>Período de colheita</b>	<b>Produtos</b>
Julho	Cheiro-verde, alface, couve, abóbora, cariru
Agosto	Maxixe

---

Janeiro	Macaxeira e manga
Fevereiro – março	Cupuaçu
Março – abril	Pupunha e graviola
Abril – maio	Mandioca
Junho – agosto	Maracujá
Janeiro, maio e setembro	Banana
Setembro – outubro	Murici e caju

Fonte: Jean Sousa, 2023.

Desse modo, como demonstrado no quadro, os quintais das interlocutoras têm um ciclo produtivo que permite o fornecimento de produtos para venda ao longo de todo o ano, por meio do projeto Paneiro do Mangal.

### **Quintais tamatateuenses como espaços de economia solidária**

Tendo em vista que a economia solidária se mostra como uma alternativa ao modelo econômico vigente, os quintais de Tamatateua desempenham importante papel na busca de autonomia na forma de produção, consumo e venda, e também na valorização da mulher dentro do sistema produtivo local.

No âmbito da economia solidária, as mulheres extrativistas desempenham um papel fundamental. Segundo Silva (2019), elas atuam como principais protagonistas de empreendimentos solidários e acabam contribuindo para a construção de relações mais igualitárias e democráticas. Isso fica bastante evidente no caso dos quintais tamatateuenses, onde as mulheres têm assumido papéis de liderança, promovendo desde a autogestão até a tomada de decisões compartilhadas.

A economia solidária também aparece fortemente vinculada ao desenvolvimento local, uma vez que fortalece a comunidade local, valorizando os recursos e promovendo a sustentabilidade. Além disso, a economia solidária também está relacionada ao empoderamento das mulheres, pois a participação ativa das mulheres em empreendimentos solidários não apenas melhora suas condições econômicas, mas ainda fortalece sua autoestima e capacidade de influenciar as decisões familiares e comunitárias (SOUSA, 2020).

Diante das potencialidades dessa economia, Santos (2018) destaca que nos quintais tamatateuenses a produção de alimentos orgânicos e a preservação de técnicas

---

tradicionais de cultivo contribuem para a autonomia da comunidade e a preservação de suas tradições. Afirma ainda que a geração de renda e a valorização das habilidades das mulheres, mediadas por esses quintais produtivos, têm impacto direto em seu bem viver e autoconfiança.

De acordo com Santos (2018), a economia solidária se refere a um sistema econômico baseado em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, em que os recursos são compartilhados de forma equitativa entre os membros da comunidade. Desse modo, as práticas da economia solidária representam uma alternativa em contraposição à sociedade capitalista. Tais práticas, baseadas nos propósitos da gestão democrática, estruturam a base de uma nova forma de convivência em que a dimensão humana não é subordinada a critérios simplesmente financeiros. No campo, buscam viabilizar a organização da produção e construir uma proposta de comercialização cooperativista, cujo foco principal é o desenvolvimento econômico e social de suas populações.

### **Quintal: “minha gratidão”**

O coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua possui em relação a seus quintais um sentimento de gratidão, o qual compreende o bem viver da comunidade, a r-existência, a promoção da autonomia financeira, a redefinição de seu papel social, a resistência às desigualdades de gênero, entre outros aspectos.

Esse sentimento ficou notório em diversas falas das interlocutoras, uma vez que através da economia solidária o coletivo está desafiando as normas estabelecidas e construindo um caminho para um futuro mais inclusivo e igualitário. Nesse sentido, cabe dizer que a r-existência, no contexto dos quintais tamatateuenses, está relacionada não apenas à preservação de práticas tradicionais, mas também à resistência contra as desigualdades de gênero e à busca por uma participação mais ativa na vida econômica e social da comunidade.

Um grande contribuinte dessa r-existência é o fato de os quintais estarem inseridos em uma unidade de conservação ambiental onde sociedade e natureza são protagonistas. Note-se que a resistência dos camponeses já se faz sentir entre os

---

brasileiros desde a iniciativa da Carta do Pajés<sup>1</sup>, visto que o seu conteúdo deixa claro que as populações indígenas e camponeses têm hoje perfeita compreensão do significado de sua(s) cultura(s) para si próprios, para os países e para a humanidade como um todo.

Na fala das interlocutoras desta pesquisa isso também ficou bem evidenciado, pois os quintais foram citados como representação do trabalho, da sustentabilidade e da vida. O que as interlocutoras demonstraram sentir por seus quintais é, sobretudo, gratidão, conforme as palavras da Interlocutora 01:

Rapaz, esse meu fundo de quintal ele representa muitas coisas pra nós, né. Representa a nossa a nosso trabalho da agricultura, ele representa a nossa sustentabilidade, porque daqui que a gente tira o nosso sustento, né. Desse desse quintal, né. E na verdade é na na no fundo do nosso quintal mesmo, ao lado, a nossa casa e então é tudo isso que ele representa pra mim, vida, porque é daqui que nós tiramos o nosso sustento, de todos os dias pra gente comer, seja macaxeira, seja farinha, seja o maxixe, o feijão, a melancia que agora nós já temos, a abóbora. Então a banana que nós já tamo temos plantado, é o açaí, é goiaba, é o limão, então tudo na verdade tudo tem, né. [...] **Se fosse para a senhora resumir o seu quintal em uma palavra, qual seria a palavra que a senhora resumiria?** Gratidão. Gratidão (Interlocutora 01).

A resposta da entrevistada reflete a profunda ligação entre seu quintal e sua vida, destacando a importância desse espaço como fonte de sustento e sustentabilidade. A interlocutora enfatiza como o quintal representa o trabalho na agricultura, fornecendo alimentos essenciais para o consumo diário, incluindo uma variedade de culturas e frutas. A escolha da palavra “gratidão” para resumir seu sentimento em relação ao quintal demonstra um profundo apreço e reconhecimento pela riqueza que essa terra traz à sua vida, destacando a conexão emocional e a importância cultural e econômica desse espaço em sua comunidade.

Como visto, a economia solidária desempenha um papel crucial no fortalecimento do coletivo de mulheres dos quintais tamatateuenses. Ela promove o bem viver da comunidade, a preservação de práticas tradicionais e o empoderamento feminino. Através dessa abordagem socioeconômica, as mulheres estão redefinindo seu papel na sociedade e resistindo às desigualdades de gênero de maneira significativa.

---

<sup>1</sup> Elaborada no Encontro Nacional de Pajés realizado em Brasília no dia 17 de maio de 2000.

---

As respostas fornecidas pelas entrevistadas revelam a importância da terra em sua vida cotidiana, mostrando aspectos de um bem viver. Para as interlocutoras, terra representa vida e a base para produzir alimentos saudáveis, estabelecendo uma conexão direta entre cuidar do solo e viver em harmonia com a natureza.

O quintal é lugar de trabalho e de liberdade onde, apesar do cansaço próprio da atividade do plantio, a mente descansa (descanso dinâmico). Há diferentes modos de se experienciar o mundo: de maneira direta ou íntima ou de maneira indireta e conceitual. Na primeira, os sentidos do olfato, da visão, do paladar, do tato nos ajudam a atribuir significados. “Seres humanos usam as mãos para explorar o meio ambiente físico, diferenciando-o cuidadosamente pelo tato da casca e da pedra” (TUAN, 2013, p. 20). As mulheres experienciam os quintais, do plantio à colheita, na “lida na terra”, e é a partir do tato, do olfato, da visão que constroem afetividade, tornando-os uma gratidão.

Os relatos traduziram um sentimento de gratidão que enfatiza que a terra é “tudo o que elas têm”, que a conexão com a terra vai além do consumo, envolvendo apreciação e prazer. As falas ressaltam a terra como parte essencial do lazer – onde as plantas proporcionam entretenimento e satisfação pessoal –, além de sua utilidade prática de produzir não apenas alimentos, mas também plantas para enfeite e para servir de remédio.

As interlocutoras destacaram ainda a variedade de culturas que são plantadas nos quintais, o que ilustra a riqueza que a terra oferece em termos de produção agrícola. As informações fornecidas pelo coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua refletem a relação complexa e multifacetada entre sociedade e natureza, que vai além da mera subsistência, e revelam a importância cultural, emocional e econômica que a terra desempenha em suas vidas.

Para algumas interlocutoras, nos quintais está presente ainda um sentimento de pertencimento, visto que essas áreas já haviam sido cultivadas pelos pais em outros tempos e agora são elas que trabalham na terra. Não possuindo outro local para cultivar, a herança da propriedade acentua ainda mais a profunda conexão emocional com a terra.

A linguagem simples (mas carregada de muita gratidão) das interlocutoras para se referirem aos seus quintais sublinha a importância e o apego emocional à terra como o

---

único meio de subsistência. As declarações sugerem uma existência enraizada na agricultura ou na produção de alimentos, refletindo a dependência dessa atividade para a sobrevivência da família. Foi enfatizada pelas mulheres a limitação de opções disponíveis para as famílias, o que torna a propriedade um ponto central em suas vidas. Esse fato ilustra a importância das raízes e da herança familiar na identidade e no modo de vida das pessoas.

O modo de vida dessas mulheres, relacionado ao trabalho realizado em seus quintais, nos permitiu mensurar aspectos da economia solidária que promovem o bem viver. A afirmação de um viver se justifica pelo fato de elas cultivarem o próprio alimento e por colocarem em prática um sistema de economia que lhes permite uma autonomia financeira e ainda manterem suas tradições de plantio dentro de sua localidade.

Ao serem indagadas se gostam do trabalho em seus quintais, as respostas foram enfáticas, como as que seguem:

**E você gosta desse trabalho no quintal? Sim. Por quê?** Porque é uma forma de eu me alimentar com saúde, porque é eu que estou plantando, cultivando minhas frutas, minhas hortaliças, e eu sei que não colocou adubo químico em meu quintal, né (Interlocutora 02).

Rapaz, eu amo, é o que eu mais amo fazer, é uma terapia pra mim, é me levantar de manhã, cinco da manhã e poder fazer as minhas atividades é capinar, é plantar, é mexer com a minha hortinha, é ajeitar meus canteiro, é apanhar feijão, tomar farinha, botar mandioca, então tudo isso pra mim é uma terapia que eu faço durante o dia. Na verdade, durante o ano todo. Porque todos os dias a gente faz esse trabalho, né (Interlocutora 01).

As respostas fornecidas pelas interlocutoras 01 e 02 revelam a profunda conexão que possuem com a prática de cultivar alimentos e destacam sua importância não apenas para a nutrição, mas também para o bem-estar emocional, o bem viver. Essas perspectivas oferecem *insights* valiosos sobre a relação entre o cultivo de alimentos, a saúde e a qualidade de vida.

Isso nos permite inferir que o bem viver se fundamenta na valorização da vida em comunidade e no reconhecimento da natureza como sujeito de direitos, e não como recurso utilizado para gerar lucro apenas (RAUBER, 2010). Aqui os quintais não são vistos

---

apenas como geradores de renda, mas como um meio de essas mulheres se conectarem com a terra, como uma terapia.

Em primeiro lugar, a Interlocutora 02 menciona que gosta do trabalho no quintal porque é uma forma de se alimentar com saúde. Ela destaca que é ela quem planta e cultiva as próprias frutas e hortaliças, garantindo que em seu quintal não sejam utilizados adubos químicos. Isso reflete uma preocupação genuína com a qualidade dos alimentos que consome. A consciência sobre a origem dos alimentos e o controle sobre os métodos de cultivo são elementos essenciais na busca por uma alimentação mais saudável. A Interlocutora 02 demonstra que essa conexão direta com sua alimentação é uma fonte de satisfação e confiança em relação à sua dieta.

A resposta da Interlocutora 01, por sua vez, enfatiza a dimensão terapêutica do trabalho no quintal. Ela o descreve como sua paixão e terapia pessoal. Para ela, a prática de cultivar, capinar, plantar e cuidar de sua horta é uma atividade que proporciona satisfação emocional. Ela menciona que começar o dia cedo e realizar essas atividades diariamente ao longo do ano é parte essencial de sua vida. A abordagem do cultivo como terapia sugere que o contato com a terra e a natureza desempenha um papel significativo na promoção de seu bem viver. Essa perspectiva pode ser vista como um exemplo de como a agricultura e a jardinagem podem ser atividades terapêuticas, proporcionando uma sensação de propósito e realização.

Os relatos indicam a continuidade e a regularidade do trabalho no quintal, trabalho que é realizado diariamente ao longo do ano todo, como enfatiza a Interlocutora 01. Isso ressalta a dedicação e o comprometimento dessas mulheres com suas práticas de cultivo. A consistência demonstrada por ambas sugere que o cultivo de alimentos não é uma tarefa ocasional, mas sim uma parte permanente que integra suas vidas.

Em resumo, as respostas das interlocutoras 01 e 02 ilustram a relação profunda entre o trabalho no quintal, a alimentação saudável e a terapia pessoal. Ressaltam o cultivo de alimentos como uma maneira de garantir uma dieta saudável e destacam os benefícios emocionais que essa atividade pode proporcionar. Esses testemunhos nos lembram que o ato de cultivar nossa própria comida não é apenas uma tarefa prática,

---

mas também uma fonte de satisfação pessoal e bem-estar, o que está diretamente relacionado ao conceito de bem viver.

Sobre o conceito de bem viver, Brasil e Brasil (2013) assinalam que se trata de algo pautado na ideia de reconstruir um pensamento e uma forma de vida mais comunitária, onde se criam outras formas de pensar as relações interpessoais e a economia. De acordo com esses autores, nessa concepção valoriza-se um equilíbrio entre a economia e a terra.

Através dos relatos das interlocutoras percebemos o engajamento na manutenção desse equilíbrio através dos quintais produtivos. Para elas, eis a importância de se ter um quintal:

Sim, porque seria um cúmulo nós temos uma terra pra plantar, uma terra onde tudo se dá, e nós temos que ir à cidade comprar por exemplo cariru, cheiro-verde, se nós podemos produzir (Interlocutora 02).

Mais é muito importante a gente ter, porque quando a gente tem os nossos quintais e eles são frutífero que a gente eh tem a nossa produção é muito melhor porque você não compra em vez de você comprar você já é contribui com a outra pessoa que não tem, dar troca então é é muito bom é muito importante a gente ter aquilo e fazer aquilo que a gente pode ter e que a gente possa e vender e dar pros outro também que aqui a gente vende, além da gente vender a gente distribui pros outros também pra quem não tem (Interlocutora 01).

É muito importante ter, porque a gente precisa né, das planta que a gente consumir também (Interlocutora 05).

Sim, pra fazer o plantio da gente, né. Porque se a gente não tiver o quintal, não faz o plantio (Interlocutora 06).

As respostas apresentadas pelas interlocutoras 01, 02, 05 e 06 refletem a importância dos quintais na vida das pessoas que vivem em áreas rurais ou têm acesso a espaços para cultivo em suas propriedades. Essas vozes da comunidade destacam como a produção local e a manutenção de quintais produtivos desempenham um papel fundamental em suas vidas, nas comunidades e na segurança alimentar em geral.

A Interlocutora 02, ao mencionar que “temos uma terra pra plantar, uma terra onde tudo se dá”, destaca a abundância de recursos naturais disponíveis em seus quintais. Isso ressalta a capacidade da agricultura local de fornecer uma variedade de alimentos frescos e saudáveis. A produção local também elimina a necessidade de comprar

---

produtos em supermercados, reduzindo a dependência de recursos externos e promovendo a autossuficiência.

A Interlocutora 01 traz à tona a dimensão econômica dos quintais produtivos ao mencionar que “você não compra, você já contribui com a outra pessoa que não tem”. Esse aspecto enfatiza como a produção local não apenas atende às necessidades individuais, mas também cria oportunidades para a troca e a partilha dentro da comunidade. Ao produzir excedentes, os quintais permitem que as pessoas contribuam para o bem viver dos outros, fortalecendo os laços comunitários e reduzindo a desigualdade alimentar.

Nessas ações percebem-se características da economia solidária na prática, pois valoriza-se a colaboração, a solidariedade e a coletividade, o que resulta numa relação equilibrada do ponto de vista social e sustentável pelo ponto de vista econômico e ambiental.

Nesse sentido, os quintais são para as interlocutoras uma garantia de segurança alimentar, visto que a produção local oferece alimentos frescos e nutritivos – essenciais para a subsistência – e permite que essas mulheres controlem a qualidade e a variedade dos produtos que consomem.

A visão das interlocutoras sublinha o papel dos quintais na atividade agrícola de comunidades como a do Tamatateua, uma vez que sem eles não se faz o plantio. Para muitas comunidades como essa, os quintais são a base da produção de alimentos. Não apenas complementam a dieta das famílias, mas também contribuem para a economia local, fortalecem a resiliência das comunidades e promovem a sustentabilidade ambiental.

Os quintais, enquanto espaços produtivos, desempenham um papel multifacetado, servindo como fonte de alimentos, recursos econômicos e solidariedade comunitária. Além disso, contribuem para a segurança alimentar, promovem a autonomia e fortalecem a conexão das pessoas com a terra.

O coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua revelou uma relação muito forte com a terra, onde é possível salientar a existência de uma profunda conexão emocional com os quintais, a qual transcende a mera utilidade física desse espaço. Essa relação foi

---

descrita como “indispensável”, todas as interlocutoras destacaram a reciprocidade na necessidade mútua, ilustrando um vínculo simbiótico entre elas e o ambiente exterior.

A relação de gratidão e cuidado não apenas demonstra o valor prático do quintal, mas também ressalta a importância das conexões humanas com a natureza, reforçando a ideia de que nossa ligação com o meio ambiente pode ser enriquecedora e gratificante em níveis profundos.

As interlocutoras, pelo que se pode perceber, reconhecem a importância de se apoiar a preservação e o desenvolvimento dos quintais como um elemento vital da vida rural e da sustentabilidade alimentar, e isso fica notório pela forma como os quintais são dispostos e cuidados. A disposição dos quintais é feita com a construção de cercas, e essa ação é de extrema necessidade no que diz respeito ao cuidado com esses espaços, pois cercá-los, além de delimitar, evita que os animais domésticos entrem e comam os vegetais.

O coletivo de mulheres revelou uma perspectiva comum em relação ao cercamento de terras, especificamente em relação à razão subjacente para essa prática. Essa forma de cuidado com o espaço produtivo se concentra na proteção das plantações e na prevenção de danos causados por animais, principalmente gado, cavalos e bois, muito comuns naquela área.

Embora o objetivo principal do cercamento seja evitar que animais prejudiquem as plantações, as respostas também revelam variações nas estratégias de cercamento. Alguns cercam suas terras completamente, enquanto outros mencionam cercamentos parciais, delimitando áreas específicas. Essa variação pode estar relacionada às necessidades individuais de cada agricultor e ao tamanho das propriedades. A saber, a escolha dos materiais de cercamento é orientada pelo custo, acessibilidade e eficácia na prevenção de animais destrutivos.

Embora não se mencione explicitamente, a prática de cercar terras como forma de proteger as plantações também pode ser vista como uma manifestação de consciência ambiental. Os agricultores mostram um compromisso em cultivar suas terras de forma sustentável, evitando a destruição desnecessária de recursos naturais e a preservação da fauna local.

---

Além da proteção das plantações, as interlocutoras apresentaram considerações sociais, mencionando preocupações com seus vizinhos e a importância de evitar que seus animais perturbem nas áreas próximas. Além da proteção das colheitas, isso sugere ainda a manutenção de boas relações com a comunidade local. Esse padrão recorrente sugere ainda uma valorização das plantações como fonte fundamental de sustento, e o cercamento como uma estratégia importante na agricultura para garantir a segurança das colheitas e a eficiência do trabalho nos quintais.

Em resumo, as respostas fornecidas pelas entrevistadas destacam a importância do cercamento de terras na proteção das plantações e na manutenção de boas relações com a comunidade local. Essa prática é uma parte essencial da agricultura sustentável e reflete a preocupação dos agricultores em preservar seus alimentos e o ambiente ao seu redor.

### **As mulheres, os quintais e a diversificação de produtos**

Para o entendimento acerca do manejo dos quintais produtivos da comunidade do Tamatateua, é importante que se aborde, mesmo que sucintamente, sobre como o coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua faz a diversificação dos produtos que são consumidos e vendidos no projeto Paneiro do Mangal.

As mulheres tamatateuenses utilizam um adubo natural em seus quintais, que é comum entre elas, como explicitado na seguinte fala:

**Você utiliza adubo?** Sim, utilizo. **Qual?** Eu utilizo o esterco do boi, da galinha também, geralmente a gente mistura com outros elementos daqui da terra mesmo, folha, pau podre, essas coisas e faz um adubo orgânico para colocar nesse plantio né (Interlocutora 02).

A resposta da interlocutora revela uma prática essencial na agricultura sustentável, o uso de adubo orgânico. Essa prática é fundamental para manter a fertilidade do solo e promover o crescimento saudável das plantas, sem recorrer a produtos químicos prejudiciais ao meio ambiente e à saúde humana.

É notável a diversidade de materiais orgânicos mencionados para a produção de adubo. Esterco de boi, de galinha e inajá (nome científico: *Attalea maripa*) são comuns, indicando a utilização de resíduos animais ricos em nutrientes. Além disso, a combinação

---

com elementos locais, como folhas e materiais em decomposição, demonstra uma abordagem holística e sustentável, com o máximo aproveitamento dos recursos disponíveis.

Todas as entrevistadas enfatizam o uso exclusivo de adubo orgânico, evitando produtos químicos sintéticos. Essa escolha revela uma preocupação com a preservação da saúde do solo a longo prazo, reduzindo o impacto ambiental e garantindo a qualidade dos alimentos produzidos.

Acerca das plantas cultivadas nos quintais, há uma grande diversidade de cultivos (açai, maracujá, banana e graviola, além de culturas de subsistência como feijão e abóbora), como podemos perceber nas falas das interlocutoras:

[...] tem açai que eu bebo, é coco, que a gente come, cupuzeiro, cafezeiro (Interlocutora 04).

[...] plantei graviola, plantei maracujá, plantei banana, plantei pé de pupunheira, plantei pé de cupuaçu (Interlocutora 02).

Tem limão, tem açai, tem maracujá, tem melancia, tem feijão, tem abóbora, pupunheira, mas ainda não está dando, mas daqui o ano que vem já tem, tem acerola, tem cajarana, tudo isso que eu citei tudo tem (Interlocutora 01).

Tem mamão, tem coco, tem pupunha, tem manga, tem abacate tem graviola. Cupu. [...] Cheiro-verde, tem cebolinha (Interlocutora 06).

A gente planta banana, tem tangerina, acerola, cupu, maracujá, cajarana, limão, é carambola, acerola, abóbora, açai que ainda tá pequeno, urucu, tudo tem (Interlocutora 03).

Planto açai, acerola, pimentinha, coco. [...] mamão, minhas plantinhas por aí tudo eu planto tem um monte de plantinha (Interlocutora 07).

Essa variedade é uma estratégia assertiva que além de garantir segurança alimentar, diversifica a renda da agricultura familiar, o que nos permite inferir que o coletivo tem um profundo conhecimento da terra e dos recursos naturais ao seu redor.

Ao mesmo tempo, a menção de plantas que ainda não estão produzindo totalmente, como o açai, sugere que as interlocutoras estão pensando a longo prazo, investindo na sustentabilidade de suas terras e na continuidade de suas atividades agrícolas.

---

Desse modo, ficou evidenciado que a variedade de cultivos e a prática de adubação orgânica contribuem para a resiliência dessas mulheres, tornando-as menos dependentes de insumos externos. Isso é fundamental, especialmente em áreas rurais onde o acesso a produtos químicos e tecnologia agrícola moderna pode ser limitado.

Em síntese, o coletivo demonstrou ter uma abordagem sustentável em relação aos seus quintais, pautada no uso de adubo orgânico, na diversificação de cultivos e no respeito ao ambiente. Essas são práticas que não apenas garantem a produtividade a curto prazo, mas também contribuem para a preservação do solo e a prosperidade das gerações futuras. Essas agricultoras desempenham um papel importante na promoção da agricultura sustentável e na manutenção da biodiversidade em suas regiões.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste estudo profundo sobre a interseção entre o coletivo de mulheres e os quintais tamatateuenses, ficou evidente que essa relação é muito mais do que uma simples coexistência. Ela representa um complexo tecido social, enraizado nas tradições e experiências compartilhadas das mulheres dessa comunidade. O termo “bem viver” assume aqui um significado muito especial, indo além do mero convívio harmonioso com o ambiente natural. Ele se manifesta na solidariedade entre as mulheres, na preservação das práticas culturais e no respeito mútuo. Em meio aos desafios enfrentados, as mulheres encontram força no coletivo, transformando os quintais em espaços de resistência e recriação.

A noção de “r-existência” também se destaca como um conceito fundamental ao analisar a vida dessas mulheres. Elas não apenas resistem às pressões externas, mas também recriam suas identidades, suas tradições e seu papel na sociedade. Os quintais tamatateuenses não são apenas terrenos cultivados; são lugares de aprendizado, empoderamento e renovação. É neles que se costuram as histórias das mulheres, se preservam os saberes ancestrais e se celebram as conquistas individuais e coletivas.

Ao reconhecer a importância desses espaços e do coletivo de mulheres que os habita, torna-se imperativo não apenas valorizar suas contribuições, mas também apoiar suas lutas por reconhecimento e igualdade. As políticas públicas devem não somente

---

proteger esses quintais como patrimônio cultural, mas também investir na educação, na saúde e no empoderamento das mulheres que neles vivem. O conhecimento tradicional deve ser valorizado e preservado, não apenas como um legado cultural, mas como uma fonte valiosa de práticas sustentáveis e equitativas.

Além disso, é crucial que a sociedade reconheça o papel vital das mulheres não somente nos quintais, mas em todas as esferas da vida. Suas vozes devem ser ouvidas, suas contribuições devem ser reconhecidas e suas necessidades devem ser atendidas. A igualdade de gênero não é apenas um ideal a ser buscado, mas uma necessidade urgente para construir sociedades verdadeiramente justas e inclusivas.

Em última análise, este estudo sobre o coletivo de mulheres e os quintais tamatateuenses não é só um exame acadêmico, mas um chamado à ação. É um lembrete de que, ao reconhecer e apoiar as mulheres em suas diversas jornadas, estamos não apenas promovendo a igualdade, mas também enriquecendo nossa compreensão do que significa viver em verdadeira harmonia com nosso ambiente e uns com os outros. Enquanto celebramos as conquistas dessas mulheres, também nos comprometemos a trabalhar juntos para criar um mundo onde todas as mulheres possam não apenas sobreviver, mas verdadeiramente prosperar. É somente através desse esforço conjunto que podemos alcançar um estado de bem viver verdadeiramente significativo e duradouro para todas as pessoas, independentemente de gênero, origem ou *status* social.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, C. N. do; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008.

ANDRADE, M. P. **Terra de índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum**. São Luís: UFMA, 1999.

BRASIL, F.S.; BRASIL, M.S. Economia Solidária, bem viver e decrescimento: primeiras aproximações. **Emancipação**, Ponta Grossa (PR), v. 13, n. 3, p. 93-104, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/5190>. Acesso em: 10 set. 2023.

---

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades autossustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

FERREIRA, M. S. F. D. **A comunidade de Barranco Alto**: diversificação de saberes às margens do rio Cuiabá. 1995. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1995.

HEREDIA, B. M. A. de; GARCIA, M. F.; GARCIA JR, A. R. O lugar da mulher em unidades camponesas. *In*: AGUIAR, N. (org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**: análises qualitativas. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, n. 1-3, p. 135-152, 2004.

NAIR, P. R. **Introduction to Agroforestry**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

OAKLEY, E. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

OLIVEIRA, E.; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S. F.; MUSS, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 9, p. 11-27, 2003.

PASA, M. C. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 2004. 174 f. Orientador: João Juarez Soares. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

PEREIRA, B. M.; ALMEIDA, M. G. de. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Geonordeste**, ano XXII, n. 2, p. 47-64, 2011.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). *In*: RIBEIRO, D. (ed.); RIBEIRO, B. G. (coord.) **Suma etnológica brasileira**: V. 1 – Etnobiologia. Petrópolis: Vozes; Finep, 1986. p. 172-185.

RAUBER, I. Una opción civilizatoria com rostro indígena. **Alai – America Latina en Movimiento**. 2010. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/active/40086>. Acesso em: 2 maio 2023.

REIS, R. L. **Paneiro do Mangal**: uma experiência do grupo de mulheres da comunidade do Tamatateua, maretório da Reserva Extrativista Marinha Caeté-taperaçu. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2022.

SANTOS, A. B. **Economia solidária**: princípios e práticas. Editora Solidária, 2018.

---

SILVA, A. P. R.; MANESCHY, M. C. Desenvolvimento e equidade de gênero? Experiência de um projeto de geração de renda para mulheres em uma reserva extrativista marinha do Pará. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 16-18, p. 249-262, jul./dez. 2020.

SILVA, M. C. Mulheres e economia solidária: empoderamento e transformação social. **Revista de Economia Solidária**, v. 3, n. 2, p. 45-58, 2019.

SILVA, Y. V. L. **Plantando com a memória**”: os Quintais como espaço de vida na poética de gente, tempo e lugar. 2018. 178 f. Orientador: Marcelo Lelles Romarco de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa (MG), 2018.

SOUSA, L. **Empoderamento feminino e economia solidária**: um estudo de caso nos quintais tamatateuenses. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

---

**Jean Sousa de Sousa** - Licenciado em Educação do Campo e bacharel em Ciências Contábeis, com formação pedagógica em Pedagogia. Possui especialização em Educação do Campo e em Gestão e Coordenação Pedagógica. É mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia e atualmente é doutorando em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares. Atua como Secretário Executivo no Conselho Municipal de Educação de Tracuateua.

**Josinaldo Reis do Nascimento** - Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA Campus Bragança. Avenida dos Bragançanos, s/nº, Vila Sinhá, CEP: 68600-000 - Bragança-PA– Brasil.

**Roberta Sá Leitão Barboza** - É Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2/CNPq, professora da Universidade Federal do Pará, atuando junto ao curso de graduação Bacharelado em Engenharia de Pesca e aos Programas de Pós Graduação Interdisciplinares: Agriculturas Amazônicas (PPGAAA), Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) e Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA). Coordena o grupo de pesquisas ESAC- Estudos Socioambientais Costeiros. É membra (academic expert) do grupo de pesquisa interdisciplinar REACH (The Race, Ethnicity, and Cultural Heritage) da Univeridade de Cambrige. Coordena projetos de extensão nas seguintes temáticas: Divulgação científico cultural; Educação Popular; Fortalecimento de Movimentos Sociais; Gênero; Agroecologia. Desenvolve pesquisas com comunidades tradicionais costeiras da Amazônia e Nordeste. Tem experiência nas áreas de Sociologia Pesqueira, Sócio-antropologia Marítima e Pesqueira e Ecologia Humana atuando principalmente nos seguintes temas: Organização Social de Pescadoras; Conhecimento Ecológico Local, Gestão Participativa de Recursos Naturais, Etnobiologia.

---

Recebido para publicação em 01 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em 12 de agosto de 2024.

Publicado em 22 de outubro de 2024.